

Revista Brasileira de Cartografia (2016) N^o 68/1: 121-130
Sociedade Brasileira de Cartografia, Geodésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto
ISSN: 1808-0936

A CARTA ATLÂNTICA DE BARTOLOMEU LASSO DE 1586 NO CONTEXTO DA UNIÃO IBÉRICA

The Bartolomeu Lasso Atlantic Map of 1586 in the Iberian Union Context

Giovanni Colossi Scotton¹ & Ruth Emilia Nogueira¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGEO
Campus Universitário Trindade, 476 – Florianópolis, Brasil
{giovanni.geo, ruthenogueira}@gmail.com

Recebido em 29 de Julho, 2015/ Aceito em 10 de Outubro, 2015
Received on July 29, 2015/ Accepted on October 10, 2015

RESUMO

Durante o período conhecido como o da União Ibérica (1580-1640), Portugal e Espanha viviam sob uma mesma política. A informação era compartilhada entre os dois reinos para garantir a soberania além-mar. Em 1586, o cartógrafo português Bartolomeu Lasso produziu uma carta atlântica que serviria de subsídio à formação de uma conhecida escola cartográfica, a holandesa. Neste ensaio, procuramos analisar o mapa de Bartolomeu Lasso sob uma ótica alternativa àquela normalmente utilizada por muitos pesquisadores da história da cartografia. Para tanto, foi realizada a desconstrução do mapa histórico, por meio das três categorias de análise propostas por Harley (2005): o contexto do cartógrafo, o contexto de outros mapas e o da sociedade. Desta maneira, foi possível identificarmos os ocultos, segredos, censuras, e ideais presentes na iconografia do mapa de Bartolomeu Lasso numa interpretação iconológica e não apenas iconográfica. Como resultado desta análise, foi possível revelar que as produções cartográficas de Bartolomeu Lasso serviram como forte influência para a cartografia holandesa de finais dos anos quinhentos e início dos anos seiscentos. Mesmo com a política de sigilo cartográfico empregada por Portugal, não foi possível esconder tais produções de outras nações imperialistas rivais que também se interessavam pelas colônias de Portugal e Espanha na América.

Palavras-Chave: Cartografia Histórica, Século XVI, Bartolomeu Lasso.

ABSTRACT

While the period, which was known as the Iberian Union time (1580-1640), Portugal and Spain lived by the same politic. The information was shared between the two kingdoms, with the objective to ensure the sovereignty overseas. In 1586, a Portuguese cartographer, known as Bartolomeu Lasso, made an Atlantic map, which would benefit the formation of a known cartographic school, the Dutch. In this essay, we analyzed the Bartolomeu Lasso map with a different view, different that is commonly used by researchers from the cartographic history. To carry out this analysis, a deconstruction of a historic map was made by three analysis categories, suggested by Harley (2005): by the cartographer context, by other map context and the society. By this measure, it was possible identify the hidden, the secrets, the censure and the ideals presented in an iconography of Bartolomeu's map. Realizing an iconological interpretation and not only iconographic. Because of this analysis, it was possible to reveal, how the cartography productions of Bartolomeu Lasso was a huge influence in the Dutch cartography, in the end of the five hundred and in the beginning of the six hundred.

Despite the cartographic secrecy politic employed by Portugal, it was impossible to hide such productions from others imperialists rivals, which they was also interested by the colonial lands of Portugal and Spain in America.

Keywords: Historic Cartography, XVI Century, Bartolomeu Lasso.

1. INTRODUÇÃO

No último quartel do século XVI, uma obra atribuída ao cartógrafo português Bartolomeu Lasso impressiona pela riqueza de detalhes. A carta conhecida como Carta Atlântica, datada de 1586, nasce em meio a um contexto social, político e econômico caracterizado pela unificação das coroas ibéricas. Bartolomeu Lasso representou nela os conhecimentos acerca dos descobrimentos até aquele momento e, sobretudo, as peculiaridades de um vasto Oceano Atlântico.

Numa abordagem científica, o mapa de Lasso, assim como outros mapas históricos, deve ser analisado pelos pesquisadores de forma natural. Os pesquisadores procuraram compreender o mapa de forma neutra, independente e objetiva, características que são de uma análise positivista. Os elementos são expostos na iconografia sob a forma de símbolos e signos, como frutos de uma linguagem cartográfica que deve ser decodificada, uma vez que os mapas assumem função retórica. Porém, os mapas podem assumir outra natureza que não a exclusivamente positivista.

Tal ponto de vista é defendido por Harley (2005), em seu ensaio intitulado “Textos e Contextos na Interpretação dos Primeiros Mapas”. O autor salienta que os mapas não devem ser unicamente interpretados em sua forma iconográfica, pois são frutos de uma construção social mais ampla. Portanto, devem ser analisados como textos (discurso) e imagens, (representação gráfica), ou seja, por meio de sua iconografia e iconologia. Foi a partir desta perspectiva que analisamos a Carta Atlântica de Bartolomeu Lasso, levando em consideração as três categorias de análise propostas por Harley (2005): o contexto do cartógrafo, de outros mapas e da sociedade.

A primeira categoria que deve ser considerada é o contexto do cartógrafo. É fundamental que o analista de mapas verifique, por exemplo, o ofício de cartógrafo ao tempo da confecção do mapa, sua origem, aprendizado, escola, relações sociais e família. Não se trata

apenas de delegar autoria aos mapas, pois no século XVI a elaboração de cartas e mapas não ficara apenas a cargo de cartógrafos, tendo outros profissionais igual valor no processo produtivo. Deve-se investigar igualmente os gravadores, pintores, artistas e outros profissionais que porventura tenham participado do processo de produção da carta, uma vez que nem o mapa, nem o indivíduo estão fechados em si e, portanto, exercem funções na sociedade e participam de suas relações de poder.

A segunda categoria, o contexto de outros mapas, trata-se de um exercício comparativo, convertendo-se numa analogia entre mapas, na medida em que a produção de um mapa está intimamente ligada à sua relação com outros mapas e documentos históricos. Relatos e descrições documentais acerca de explorações são, por exemplo, convertidos para imagem gráfica, servindo de subsídio para confecção cartográfica. Harley (2005) afirma que as características cartográficas identificadas, por exemplo, nos traços familiares de uma determinada escola cartográfica permitem identificar a autoria de algumas produções anônimas. Portanto, o estudo comparativo das características topográficas lineares, (rios, caminhos), assim como os contornos da costa, somados à utilização da cartobibliografia (reunião de vários mapas impressos sobre uma mesma superfície) são fundamentais para o historiador analisar esses documentos antigos.

No contexto da sociedade, o analista buscará interpretar o mapa de forma a considerar e identificar os agentes por trás da obra. Para isso, algumas perguntas podem ser apresentadas: para quem o cartógrafo produziu o mapa? Quais eram seus objetivos e sua finalidade? Em qual contexto social? Para esta análise, considera-se que nenhum mapa é apolítico e isento de ideias, funções e objetivos. Um mapa é uma construção social de uma realidade que pode ser desvendada, revelando seus ocultos, segredos ou censuras.

A análise do contexto da sociedade é por deveras complexa e deve ser cuidadosamente trabalhada, pois não se trata apenas de identificar o contexto do cartógrafo, mas sim de analisar

um conjunto de possibilidades presentes na sociedade. Cabe ao analista de mapas históricos imergir na sociedade estabelecida sob o período de elaboração do mapa para poder analisar de forma satisfatória todas as variáveis.

2. O CONTEXTO DE BARTOLOMEU LASSO NA PRODUÇÃO DE SUA CARTA ATLÂNTICA DE 1586

Do final do século XVI até meados do século XVII, um fator político na Europa merece dedicada atenção: a União Ibérica, que perdurou de 1580 a 1640, de acordo com Rezende (2006). Esses sessenta anos de unificação foram determinantes na consolidação dos impérios ibéricos, principalmente nos esforços para sacramentar seus domínios sobre as terras americanas. Ao mesmo tempo, esse processo condicionou o interesse dos flamengos para estas novas terras, principalmente o Brasil, onde se sabia haver muitas riquezas. Tais interesses foram estimulados pelos mapas produzidos por cartógrafos da época. Não demoraria muito até que os holandeses enviassem expedições de exploração que alcançariam as regiões Norte e Nordeste do Brasil, no início do século XVII.

Conforme estudos desenvolvidos por Adonias e Faria (2013) acerca das representações cartográficas no Brasil Colônia, os holandeses, juntamente com os franceses, do final do século XVI até o segundo quartel do século XVII, começaram a atacar as colônias portuguesas instaladas nas regiões Norte e Nordeste, principalmente em Pernambuco e Bahia. Como resultado, foram construídas fortificações e fundaram-se vilas e cidades na região Nordeste. Durante o período de unificação das coroas ibéricas foi permitido aos luso-brasileiros transporem a linha imaginária de Tordesilhas e avançar na direção da foz do grande rio Amazonas.

No período filipino, ou seja, na fase de união das coroas ibéricas, surge o nome de Bartolomeu Lasso, um cartógrafo português que muito provavelmente trabalhou em Lisboa e se destacou na produção de atlas, planisférios, cartas atlânticas e instrumentos para navegação. Deve-se chamar atenção, exclusivamente pela representação do Brasil, para sua carta Atlântica datada de 1586.

De acordo com Viterbo (1988), depois

de ser examinado pelo cosmógrafo-mor Pedro Nunes e por Jorge Reynel, em 1564, Bartolomeu Lasso recebeu a carta de mestre de fazer cartas de marear, astrolábios e agulhas. Constava na carta real:

A quantos esta minha carta for mostrada faço saber que Bartolomeu Lasso morador nesta cidade de Lisboa, me enviou a dizer por sua petição que ele aprendera muito tempo a arte de fazer cartas de marear, pedindo-me que lhe desse licença para a dita arte de ser examinado e que sendo achado auto suficiente lhe mandasse passar carta para poder usar da dita arte e visto seu dizer e pedir, mandei passar sua provisão para o doutor Pedro Nunes meu cosmógrafo mor o examinar (...) (VITERBO, 1988 p.205)

Seguramente, conforme afirma Souza (2015), a licença foi concedida oportunamente pela autossuficiência que Lasso comprovou ter na feitura de cartas de marear e construção de instrumentos náuticos. Das cartas produzidas e atribuídas a ele podem-se destacar, conforme Guedes (1997), uma datada de 1575 e referente ao Atlântico Norte, duas outras cartas atlânticas datadas de 1584 e 1586, outra referente à Europa e à parte Norte da África produzidas por volta de 1588 e um atlas que os historiadores da cartografia afirmam estar incompleto, composto de oito partes e datado de 1590. De acordo com Guedes (1997), Bartolomeu Lasso foi o primeiro cartógrafo a representar por meio de cartas um conjunto completo do arquipélago das Filipinas.

O prestígio de seus trabalhos tornou Lasso um cartógrafo importante, porém, secundário quando comparado aos demais cartógrafos brilhantes que Portugal formou em sua consagrada escola cartográfica às margens do rio Tejo, em Lisboa. Porém, no período filipino, Lasso produziu uma carta atlântica que representa os interesses de seus contratantes, na medida em que seus mapas assumiam uma função retórica.

3. A ICONOGRAFIA DA CARTA ATLÂNTICA DE LASSO E O CONTEXTO DE OUTROS MAPAS E DOCUMENTOS HISTÓRICOS

A carta atlântica datada de 1586 apresenta o desenho da costa do continente Americano,

parte da costa ocidental africana, Europa e mar mediterrâneo, assim como o Oceano Atlântico Norte e Sul. Foi elaborada em pergaminho iluminado (Figura 1), porém não aquarelado, e apresenta uma iconografia localizada sobretudo ao longo das costas continentais. Por se tratar de uma carta atlântica, na superfície dos oceanos encontram-se desenhadas as ilhas com toponímias tanto na porção Norte quanto na porção Sul, mostrando o cuidado do cartógrafo na feitura da carta. São evidenciadas linhas de rumo interconectadas com as rosas dos ventos, característica comum em cartas náuticas, portulanos ou cartas de marear. Duas linhas paralelas definem a zona tórrida do planeta, entre os trópicos de Câncer ao Norte e de Capricórnio ao Sul. Escalas de latitudes podem ser identificadas no desenho da Carta Atlântica em ambos os oceanos, Norte e Sul Atlântico.

Porém, nessa época ainda havia a dificuldade de navegar por longas distâncias. Conforme mostra Ribeiro (2011), Pedro Reinell, em sua carta atlântica de 1504, traçou uma pequena “escala auxiliar de latitudes, inclinada com sentido contrário ao da agulha. Este processo ajudou a diminuir os erros na leitura da agulha em relação ao norte geográfico.” Esta escala auxiliar de latitude está desenhada no topo da carta de Bartolomeu Lasso ao centro do Oceano Atlântico Norte, próxima à outra escala de latitude. Soma-se a estas representações iconográficas, o desenho de troncos de léguas em ambos os oceanos representados.

“Inicialmente, a carta-portulano consistia mais numa ajuda à navegação, para que o piloto se pudesse orientar no caminho a seguir pela agulha magnética, do que propriamente para determinar a posição do navio num dado momento. Mais tarde, foi incluída na carta-portulano uma escala de distâncias graduadas em milhas, designada por tronco de léguas, que permitiu a medição e marcação de distâncias. Estas cartas não apresentavam ainda paralelos nem meridianos, mas apenas uma rede de retas direcionais ou rumos magnéticos, que formavam uma teia resultante do prolongamento das linhas de rumo originadas a partir de uma rosa dos ventos central, e que se entrecruzavam com os de outras rosas dos ventos dispostas ao redor da primeira. As linhas de rumo que assinalavam o Norte

magnético eram representadas verticalmente na superfície da carta, sendo paralelas entre si, sem observarem o requisito de convergência dos meridianos. O rumo, entre o ponto de partida e o ponto de chegada, era obtido a partir das linhas existentes nas cartas rumadas, enquanto a distância era deduzida pelo piloto, tendo em conta a sua avaliação relativa ao caminho percorrido pelo navio, sendo implantada na carta depois de medida no tronco de léguas a correspondente amplitude do compasso. Obtinha-se, assim, o chamado ponto de fantasia, também conhecido como ponto estimado, ou estimativa ou ainda ponto de marinharia.” (RIBEIRO, 2011, p.1005)

Outra característica desta carta é que Bartolomeu Lasso optou por não representar caravelas e naus, tampouco são identificadas iluminuras na forma de desenhos do cotidiano dos nativos ou de representações de seres mitológicos, como em mapas anteriores de outros cartógrafos portugueses.

Observando os continentes, percebe-se, como em outras produções deste período, uma rica apresentação de topônimos por toda linha de costa. Nota-se que o cartógrafo representa os dois grandes rios (Amazonas e Prata), porém, sem conectá-los a um grande lago no centro do continente, colocando-se de acordo com a teoria da insularidade do Brasil, muito praticada por cartógrafos antecessores a Lasso. Estranhamente, ele não adota o nome América ou Brasil e opta por descrever “Quarta Pars Mundi” no centro do continente sul americano, processo que denota as primeiras representações do Brasil e da América anteriores a 1507.

Percebe-se que no interior dos continentes quase não se encontram informações na forma iconográfica, fato explicável por se tratar de uma carta atlântica, produzida para navegação. A exceção à regra se dá pela representação na costa africana ocidental de espécies arbóreas, montanhas e um castelo, cidade ou vila. Sobressaem-se os desenhos das costas litorâneas ricamente ocupadas por toponímias, além dos escudos das coroas portuguesa e espanhola nos territórios definidos pelo tratado de Tordesilhas no continente americano, respeitando seus limites.

O cartógrafo preferiu determinar a posse territorial das colônias por meio dos braços



Fig.1 - “Carta Atlântica de Bartolomeu Lasso, c. 1586. Lord Salisbury’s Library, Hatfield, Hertford Portugaliae Monumenta Cartographica (PMC), vol. 3. Estampa 378.” (DORÉ, 2015 p.7).

reais de cada coroa, ao invés de utilizar o brasão das coroas unificadas (período Filipino). A linha imaginária de Tordesilhas não é representada, fato que se pode atribuir ao momento político vivido por Portugal e Espanha, unificados à época.

Poucas produções de Bartolomeu Lasso chegaram ao conhecimento público, datadas ou atribuídas a ele. Entre suas produções, pode-se destacar seu mapa do Mar Vermelho e Golfo Pérsico, com a Abissínia, Arábia e Pérsia, e a sexta carta do atlas composto de oito cartas de Bartolomeu Lasso, elaborado em 1590 (Figura 2). Este mapa apresenta uma escala de 1:19.000.000 e trata-se de um fac-símile colorido de 28,70 por 40,90 cm em folha de 40,80 por 57,80 cm, representando a porção, como seu próprio nome informa, da península arábica, parte oriental da costa africana e a antiga Pérsia.

Nos elementos iconográficos desta carta, percebe-se a riqueza dos detalhes das linhas de costa, com as toponímias ao longo dos litorais,

características das cartas portulanas. Enseadas, rios, ilhas e baixios também foram registrados por Bartolomeu Lasso. No interior, a iconografia de Lasso revela o grande rio Nilo com lagos conectados e ilhas fluviais na porção oriental do continente africano, indicando a região dominada pelo Império Etíope (Abissínia) até sua foz no Egito. Bartolomeu Lasso, nesta sexta carta de seu atlas, ocupa-se da riqueza de detalhes na representação do Mar Vermelho e Golfo Pérsico. Próximo a estes litorais é possível perceber o brasão das armas de Portugal indicando a posse territorial destas áreas. Outros brasões imperiais são percebidos na costa africana e na península arábica.

Assim como em sua carta atlântica de 1586, (Figura 1), nesta carta (Figura 2), apesar de estarem em diferentes escalas, apresentam-se representadas as linhas de rumos conectando-se entre pontos auxiliares e uma rosa dos ventos, indicando ser um mapa para navegação. Uma escala de latitudes pode ser visualizada em ambas

as cartas, bem como as linhas do Trópico de Capricórnio e Equador, escritos em latim. Um tronco de léguas também foi desenhado nas duas cartas.

As características presentes nestas duas cartas definem os traços da escola cartográfica portuguesa. Na primeira (Figura 1), encontram-se desenhados conhecimentos detalhados do oceano Atlântico Sul e ilhas, e na segunda (Figura 2), conhecimentos da linha de costa, baixios, rios, enseadas, baías, promontórios e mares interiores.

Conforme Alegria et al (2007), Bartolomeu Lasso produziu onze cartas, cinco delas referentes ao Brasil. Em seus dados acerca do número de mapas elaborados pelos cartógrafos portugueses de 1485 a 1660, reproduzidos na magnífica obra “PMC- Portugalia Monumenta Cartography”, de Armando Cortesão, fica claro que Bartolomeu Lasso está longe de ser um grande produtor de mapas como foram, por exemplo, João Teixeira Albernaz I, Diogo Homem, Fernão Vaz Dourado e Luiz Teixeira, cabendo a ele posição secundária na plêiade de cartógrafos portugueses do século XVI. Porém, muito provavelmente o cartógrafo valeu-se de produções antigas, tanto suas quanto de outros cartógrafos, para a elaboração de suas cartas atlânticas de 1586 e 1590. Ele teria também utilizado os ensinamentos e conhecimentos de Pedro Nunes, o Cosmógrafo-Mor da Casa das Índias, bem como de Jorge Reinel, mestre de fazer cartas de marear do armazém real, sobretudo no início de sua carreira a serviço da coroa portuguesa. Também estava a par, é claro, das privilegiadas informações sobre os descobrimentos portugueses que chegavam a todo instante ao Paço da Ribeira por meio de registros de navegadores e exploradores.

A carta Atlântica datada de 1586, bem como a sexta carta do atlas de Bartolomeu Lasso, assemelha-se muito às produções portuguesas do período. Até o momento, vê-se uma produção atribuída a um cartógrafo mediano que apresenta informações concretizadas há muito pelos portugueses. Então, por que esta Carta Atlântica difere das produzidas por outros mestres do período? Primeiramente, deve-se analisar o papel que essa produção de Lasso exerceu não na cartografia portuguesa, mas, sobretudo, para a cartografia holandesa.

Souza (2015), Guedes (1997) e Alegria et al (2007) são unânimes a respeito da influência que as produções de Lasso exerceram sobre a escola cartográfica holandesa em fins do século XVI e início do XVII. De acordo com Souza (2015), as cartas náuticas deste cartógrafo português devem ter sido as primeiras a serem utilizadas pelos holandeses em suas viagens a outros continentes. O detalhamento das costas, a geografia e o cuidado na representação dos continentes chamavam a atenção de pilotos portugueses e holandeses.

4. O SIGNIFICADO DA CARTA ATLÂNTICA DE BARTOLOMEU LASSO

A importância das produções de Bartolomeu Lasso para a cartografia holandesa é evidenciada nas principais bibliografias que tratam do assunto. Tais obras foram utilizadas para a construção de cartas e mapas por cartógrafos holandeses ao final dos anos quinhentos e, principalmente, nos anos seiscentos. Para Guedes (1997), o cartógrafo, embora de origem portuguesa, exerceu forte influência na cartografia holandesa. Tanto Petrus Plancius quanto Arnoldus Florentius van Laugren utilizaram, em algum momento, protótipos desenhados por Lasso e dele adquiridos pelos irmãos Houtman, em 1592 ou 1593. Cornelis Claesz, um impressor holandês, detinha, por volta de 1592, aproximadamente vinte e cinco cartas atribuídas a Bartolomeu Lasso que serviram de base para a elaboração de seis cartas holandesas referentes ao Atlântico Norte, América do Sul, África Ocidental, África Oriental e o Extremo Oriente. “Gravadas por Johannes à Duetchum, foram as primeiras cartas de territórios ultramarinos publicadas na Holanda servindo de base para a criação em 1602 da CIO – Companhia das Índias Ocidentais.” (GUEDES, 1997, p.31)

A influência da cartografia portuguesa na cartografia holandesa também é evidenciada na obra de Cortesão (1960):

“Não menos notável foi a influência da cartografia portuguesa na flamenga e holandesa. Revelada já nos trabalhos de Gemma Frisius e de seu discípulo, Mercator, acentua-se nas obras e atlas impressos de Linschoten, de Petrus Plancius – que se utilizou principalmente das cartas de Bartolomeu Lasso...” (CORTESÃO, 1960, p.184)

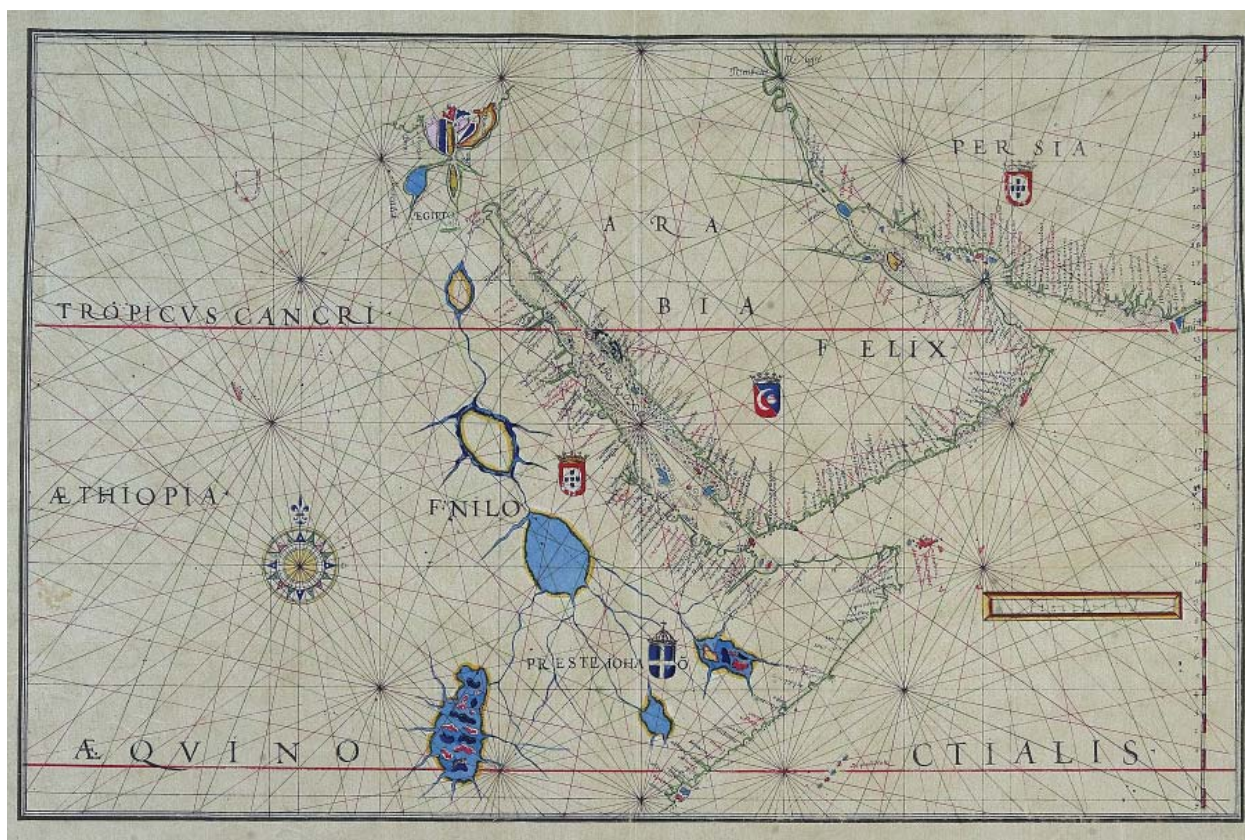


Fig.2 – Mar Vermelho e Golfo Pérsico, com a Abissínia, Arábia e Pérsia, Bartolomeu Lasso 1590. fl.1564-1590 Folha digitalizada pela Biblioteca Nacional de Portugal (cc-459-v) Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1987

Entretanto, um estudo comparativo desenvolvido por Krisztina (2006), mostrou-se contrário a essas conclusões em pelo menos um momento histórico. Conforme a autora, o cartógrafo holandês Petrus Plancius teria utilizado na elaboração de seus mapas, especialmente na representação das Índias Orientais, o atlas de Fernão Vaz Dourado de 1580, outro cartógrafo português, e não o atlas de Bartolomeu Lasso de 1590, como muitos pesquisadores afirmaram.

Ainda assim, a escola cartográfica portuguesa seguramente influenciou a cartografia holandesa, não somente com obras de Bartolomeu Lasso, mas também de outros cartógrafos portugueses, considerados mestres na arte da elaboração de cartas de marear e instrumentos náuticos.

Não se pode desconsiderar o propositado encurtamento do Atlântico Sul em sua carta, com objetivo de ludibriar os espanhóis acerca das reais dimensões territoriais a Leste e, sobretudo, a Oeste de Tordesilhas, apesar desta linha imaginária não estar representada na iconografia de sua carta. Em sua monografia, “*O propositado*

encurtamento da largura do Atlântico nas Cartas Portuguesas do século XVI”, Joaquim Rebelo Vaz Monteiro (1970) descreveu os registros acerca de outra carta atlântica de Lasso que não a de 1586, e constata que havia um desvio de cerca de oitenta e quatro léguas para Leste da posição de Penedo de São Pedro. Como explicar tal erro? Sabendo-se que:

“*Tal desvio não devia ser atribuído a um erro de estimativa do piloto, pois, antes, pelo contrário, a presença permanente daquela errada posição em todas as cartas da época é que levou o piloto a estimá-la assim. Seria então uma deficiência cartográfica?*” (MONTEIRO, 1970, p.9)

Para Vaz Monteiro, tal questionamento não é justificado pelo fato da posição dita “errada” estar presente nas cartas de marear há mais de um século. Deste modo, os cartógrafos do período teriam notado e retificado o erro, pois o cuidado na feitura destas cartas buscava sempre a perfeição. Os navegadores prestavam muita atenção nas medições e observações, que juntas

sistematizavam os conhecimentos dos mares, tornando a navegação mais segura. De acordo com Monteiro (1970), o desenvolvimento das observações em campo fez com que as cartas fossem sendo corrigidas e inaugurou novas técnicas e métodos que permitiram traçar linhas mais precisas e cuidadosamente localizadas no espaço.

Como compreender que tal ponto notável, como o de São Pedro na carta de Bartolomeu Lasso, encontra-se cerca de oitenta e quatro léguas deslocado na direção Leste? A conclusão de Monteiro (1970) é lógica e endossa a análise gerada pela pesquisa. Portugal já havia iniciado, há muito, um grande processo de falsificação cartográfica para omitir dados importantes sobre as riquezas e tudo o que suas colônias apresentassem, numa nítida manobra estratégica, com ideais políticos e econômicos que visava, sobretudo, a manutenção de seus territórios ultramarinos.

Bartolomeu Lasso produziu sua carta de 1586 sabendo que serviria a Portugal tanto quanto a Castela. Partindo da hipótese de falsificações e ocultamentos, em 1586 muito já se sabia sobre a colônia portuguesa da América, representada com rica iconografia em algumas cartas. A Espanha estava aquém destas informações, que Portugal sabiamente soube ocultar. Lasso, por sua vez, servira a uma coroa com um propósito e não seria leviano pensar que o cartógrafo elaborou sua carta obedecendo ao monarca que o contratou. Para tanto, basta compreender os reais motivos que levaram Portugal a ocultar e falsificar suas cartas, num contexto de uma sociedade em conflito e disputas imperiais.

“O desvio para leste de 84 léguas do ponto de S. Pedro implica num encurtamento de igual grandeza na largura do Atlântico e, conseqüentemente, um maior alcance para oeste da linha divisória estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, o que, é bem de ver, traria para Portugal maior área de terras brasileiras”. (MONTEIRO, 1970, p10).

Outro fator a ser destacado é a dificuldade de definição e cálculo dos valores das longitudes, sobretudo para a navegação oceânica. É sabido que tal determinação era muito imprecisa neste período, situação que se modificou somente após a invenção do relógio marítimo de alta

precisão por John Harrison, em 1761, quando os navegadores passaram a conseguir determinar a longitude para longas viagens de forma mais confiável.

“A Longitude, entretanto, desde os tempos de Vasco da Gama, Colombo e Fernão de Magalhães, era geralmente determinada pela navegação estimada, considerando os vários rumos e distâncias navegadas. Como se sabe, a navegação estimada é, até hoje, muito mais uma arte do que uma ciência. Quando o navegante, levando em conta os diversos rumos e distâncias navegadas (até pouco tempo medidas por instrumentos de pouca precisão), as correntes, o efeito do vento e as demais causas que afetam o movimento do navio, indica na carta a sua posição estimada, está exercitando uma grande dose de arte, onde coloca toda sua experiência e conhecimento. Ademais, os erros da navegação estimada aumentam rapidamente com a duração da viagem, a partir da última posição conhecida. Assim, no passado, uma afirmação muito comum na navegação era: “o navegante sempre conhece sua Latitude”. Mais correto, contudo, teria sido dizer: “o navegante nunca conhece sua Longitude”. (MARINHA DO BRASIL, 2015)

As produções cartográficas de Bartolomeu Lasso serviram de subsídio para a escola cartográfica holandesa. Vale ressaltar a função social dos mapas históricos, que podem ser vistos como construções sociais, aproximando-os da geografia no que tange a uma “Cartografia Crítica”. Essas “cartas para príncipes” eram certamente retóricas, tornando-as importantes do ponto de vista político, uma vez que transmitiam também o poder.

Para Klinghoffer (2006), os mapas sobrepõem conceitos como continentes, refletindo os valores estéticos do cartógrafo e valores políticos. “Os mapas não são a realidade, mas uma interpretação dela. São elaborados para um propósito, e incorporam uma grande quantidade de subjetividade humana”.

O autor afirma que aspectos técnicos da cartografia podem ser ocultados pelo cartógrafo, como na utilização das projeções para fins políticos. Os cartógrafos não tinham total liberdade para produzir suas cartas, servindo frequentemente a pessoas influentes na política

dos reinos.

Denis Wood (1992), em seu livro “The Power of Maps”, salienta que não existe qualquer substância utilizada para elaboração de uma imagem (mapa) que escape de um modelo de imagem do mundo em que vivemos.

Os mapas foram considerados produtos de valor estratégico, militar, político, econômico e social pelas monarquias. Portugal, por exemplo, proibiu a reprodução de mapas, e a espionagem, contrabando e venda de informações cartográficas foram considerados crimes com pena de morte para o infrator. Esta preocupação dos reis portugueses justificava-se pelo fato de que naquele momento, em que muitas nações europeias estavam em conflito, qualquer informação sobre os novos descobrimentos era considerada de extrema importância econômica. O domínio destas informações poderia ser a diferença entre a vitória ou a derrota numa guerra.

Conforme Harley (1987) aborda em seus estudos sobre a cartografia histórica, é necessário compreender os mapas como mediadores entre um mundo interno e externo. Eles são ferramentas fundamentais para auxiliar o ser humano a encontrar sentido no seu próprio universo, nas mais variadas escalas. Além disso, são considerados uma das primeiras formas de comunicação humana e desempenharam papel importante ao longo da história das sociedades.

Ainda hoje, não se deve subestimar o poder e conhecimento que os mapas podem proporcionar a um indivíduo ou sociedade, sendo facilmente elegíveis como elementos que condicionam, em algum grau, as relações sociais num dado território.

Os holandeses, que tardiamente se aventuraram além-mar, são um exemplo. Valendo-se dessas ricas informações cartográficas, lançaram expedições rumo às costas Norte e Nordeste brasileiras em finais dos anos quinhentos e primeira metade dos seiscentos, tendo a Companhia das Índias Ocidentais oficializada e o comando de Maurício de Nassau, que desejava fundar colônias holandesas no Brasil. Não tardou para que outras nações imperialistas, como França e Inglaterra, excluídas da partilha do mundo por bula papal, iniciassem suas ofensivas, desejosas pelas riquezas que as colônias ibéricas na América poderiam proporcionar. Os mapas mostravam

rotas, rumos, distâncias e a geografia do mundo e das novas terras, tornando-se fundamentais para estes objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADONIAS, I; FARIA, M.D.D. **A Representação Cartográfica no Brasil Colonial na Coleção da Biblioteca Nacional**, 2013. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/artigos/a-representacao-cartografica-no-brasil-colonial-na-colecao-da-biblioteca-nacional/>>. Acesso em: 15 de março 2015.

ALEGRIA, M.F; DAVEAU, S; GARCIA, J.C; RELAÑO, F. Portuguese Cartography in the Renaissance. In: WOODWARD, D. (Org) **The History of Cartography: Cartography in the European Renaissance**. Chicago: Chicago Press, 2007. p. 975-1068.

CORTESÃO, A. **Cartografia Portuguesa Antiga**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960 195p

DORÉ, A. America Peruana e Oceanus Peruvianus: uma outra cartografia para o novo mundo. 2014 In: **Tempo** vol.20 Niterói Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042014000100206&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em abril 2015.

GUEDES, M. J. A Cartografia Portuguesa Antiga . In: HESPANHA, A.M. (Org) **Tesouros da Cartografia Portuguesa**. Lisboa: Inapa, 1997. p.14-34

HARLEY, J.B. **La Nueva Naturaleza de Los Mapas: Ensayos sobre la História de la Cartografía**. México: FCE, 2005 398p.

HARLEY, J.B. The Map and The Development of the History of Cartography. In: WOODWARD, D. (Org) **The History of Cartography: Cartography In Prehistoric, Ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean**. Chicago: Chicago Press, 1987. p1-42

KRISZTINA, I. Portugal Portolán Térképek Szerepe a Holland Tengerészeti Térképek Kiadásában. In: **Revista online da Sociedade de Topografia, Cartografia e Sensoriamento Remoto**. Budapest, p.32-37, 2006 Disponível em: <<http://www.fomi.hu/honlap/magyar/szaklap/2006/08/5.pdf>> Acesso em novembro

2015

KLINGHOFFER, A.J. *The Power of Projections: How Maps Reflect Global Politics and History*. Londres: PRAEGER, 2006 193p.

MARINHA DO BRASIL. **Navegação Astronômica: Definição, Importância e Resenha Histórica**. 2015. Disponível em: <<https://www.mar.mil.br/dhn/bhmn/download/Cap16.pdf>> Acesso em novembro 2015

MONTEIRO, J.R.V. **O Propositado Encurtamento da Largura do Atlântico nas Cartas Portuguesas do Século XVI**. Coimbra: UC Biblioteca Geral, Separata da Revista da Universidade de Coimbra Vol. XXIV 1970 10p.

REZENDE, T.V.F. **A Conquista e a Ocupação da Amazônia Brasileira no Período Colonial: A Definição das Fronteiras**. São Paulo: USP, 2006. 337 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São

Paulo, 2006.

RIBEIRO, A.S. **Os Navios e as Técnicas Náuticas Atlânticas nos Séculos XV e XVI: Os Pilares da Estratégia 3C**. In: Revista Militar nº 2515/2516, agosto/setembro de 2011, p-995-1021

SOUZA, A.O.Q.D. **Lasso Bartolomeu: Cartografia e Cartógrafos Portugueses**. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/cartografia-e-cartografos/lasso-bartolomeu-11.html#.VRFoGfnF98E>> Acesso em: maio 2015.

VITERBO, S. **Trabalhos Náuticos dos Portugueses: Séculos XVI e XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988 687p.

WOOD, D. **The Power of Maps**. New York: The Guilford Press, 1992 248p

WOODWARD, D.; HARLEY, J.B. Why Cartography Needs Its History. In: **The American Cartographer**, vol.16, n1, 1989, p5-15